

DESDOBRAMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E ESPORTIVA 2

WENDELL LUIZ LINHARES
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora

Ano 2019

Wendell Luiz Linhares

(Organizador)

**Desdobramentos da Educação Física
Escolar e Esportiva**

2

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D449	<p>Desdobramentos da educação física escolar e esportiva 2 [recurso eletrônico] / Organizador Wendell Luiz Linhares. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Desdobramentos da Educação Física Escolar e Esportiva; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-651-5 DOI 10.22533/at.ed.515190110</p> <p>1. Educação física para crianças. 2. Psicomotricidade. I.Linhares, Wendell Luiz. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 613.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A presente obra nos chama a atenção, pois, fomenta uma reflexão a partir de diferentes elementos, os quais, muitas vezes passam despercebidos em nosso cotidiano, porém, quando visualizados, demonstram o quanto plural é a constituição do “campo” acadêmico e científico da Educação Física. Neste sentido, o volume dois do e-book “Desdobramentos da Educação Física Escolar e Esportiva”, configura-se numa obra composta por dez artigos científicos, os quais estão divididos em dois eixos temáticos. No primeiro eixo intitulado “Esporte e Treinamento”, é possível encontrar estudos que discutem e apresentam tanto aspectos relacionados a avaliação, aplicação de testes e exercícios, e como estes impactam no corpo humano, quanto estudos que abordam o esporte, por um viés técnico e tático ou que buscam compreender a construção de seus significados, de tal fenômeno, em locais específicos. No segundo eixo intitulado “Educação Física Escolar e Comunidade”, é possível verificar estudos que discutem aspectos da Educação Física Escolar a partir da percepção do professor, não obstante, pesquisas que abordam a construção, aplicação e avaliação de projetos extensionistas nas comunidades, bem como, da prática do futebol e a relação comportamental da família com o sujeito praticante. O presente e-book reúne autores de diversos locais do Brasil e do exterior, por consequência, de várias áreas do conhecimento, os quais abordam assuntos relevantes, com grande contribuição no fomento da discussão dos temas supracitados.

Portanto, é com entusiasmo e expectativa que desejo a todos uma boa leitura.

Wendell Luiz Linhares

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DO EFEITO DO TIPO DE SAQUE SOBRE A PRECISÃO DO FUNDAMENTO RECEPÇÃO NO VOLEIBOL	
<i>Fernanda Dalmaso da Rocha Gambeta</i> <i>Bruno Sérgio Portela</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901101	
CAPÍTULO 2	5
AValiação DOS NÍVEIS DE FLEXIBILIDADE EM PRATICANTES DE GINÁSTICA RÍTMICA E ARTÍSTICA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA	
<i>Cybelle de Arruda Navarro Silva</i> <i>Aline de Freitas Brito</i> <i>Adriano Césares Mesquita Brasil de Farias</i> <i>Eliete Samara Batista dos Santos</i> <i>Marina Gonçalves Assis</i> <i>Fernanda Antônia de Albuquerque Melo</i> <i>Hellen Christina de Belmont Sabino Medeiros</i> <i>Fabiano Ferreira de Lima</i> <i>Rinaldo Silvino dos Santos</i> <i>Igor Henriques Fortunato</i> <i>Larissa Beatriz Lisboa Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901102	
CAPÍTULO 3	13
BENEFÍCIOS DO TREINAMENTO RESISTIDO A SAÚDE	
<i>Givanildo de Oliveira Santos</i> <i>Jessé Floriano Vieira</i> <i>Nadyelly Netto Flores Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901103	
CAPÍTULO 4	22
EXERCÍCIOS RESISTIDOS EM ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO COM HIPERLORDOSE LOMBAR	
<i>Givanildo de Oliveira Santos</i> <i>Tiago Rodrigues Silva</i> <i>Weyller dos Anjos Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901104	
CAPÍTULO 5	31
OS JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ – ESQUECIMENTO, AUTENTICIDADE E PERTENCIMENTO	
<i>Fábio Souza Vilas Boas</i> <i>Romeu Araújo Menezes</i> <i>Eujácio Batista Lopes Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901105	

CAPÍTULO 6 40

PREVALÊNCIA DE SINTOMATOLOGIA DOLOROSA EM PRATICANTES DE CROSSFIT DA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA

*Victória Silva Midlej Ribeiro
Vagner Lemos Rodrigues
Hegle de Assis Pereira
Patrícia Bueno Böhm
Nivaldo Oliveira Castro Júnior
Nathália Santos Ribeiro
Vinícius Rodrigues Novais
Rodrigo César Amâncio Neves dos Santos
Edimara Bezerra Almeida*

DOI 10.22533/at.ed.5151901106

II. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E COMUNIDADE

CAPÍTULO 7 49

A RELAÇÃO PAIS E FILHOS DENTRO DE ESCOLAS DE FUTEBOL E FUTSAL

*Paulo Franco Neto
Juliana Martins Pereira*

DOI 10.22533/at.ed.5151901107

CAPÍTULO 8 61

ANÁLISIS DE LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR EN EL ENTORNO DE LOS COLEGIOS RURALES AGRUPADOS DE GALICIA, ESPAÑA

*José Eugenio Rodríguez-Fernández
José Carlos Fernández-Suárez
Paula Lois-Martínez*

DOI 10.22533/at.ed.5151901108

CAPÍTULO 9 73

PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A RESPEITO DE CONFLITOS EM AULA

*Andreia Camila de Oliveira
Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva*

DOI 10.22533/at.ed.5151901109

CAPÍTULO 10 85

PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: REDE DE COLABORAÇÃO INTERNACIONAL

*Súsel Fernanda Lopes
Rubens Venditti Júnior*

DOI 10.22533/at.ed.51519011010

CAPÍTULO 11 95

ATLETISMO NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE ADAPTAÇÃO PARA AS PROVAS DE REVEZAMENTO

*Rodrigo Constantino de Melo
Ígor Schardong
Nestor Rossi Júnior
Amanda Simões Martins
Kairam Ramos Rios*

CAPÍTULO 12 99

POTENCIALIDADES E POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DO CONTEÚDO VOLEIBOL NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DO 1º AO 4º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Marcelo Oliveira Melo

Ednaldo Luiz da Silva

Lucas Savassi Figueiredo

Fabiano de Souza Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.51519011012

CAPÍTULO 13 112

ESPORTE E SOCIEDADE: CONCEPÇÃO DOS VALORES ADQUIRIDOS A PARTIR DA PRÁTICA ESPORTIVA EM UM PROGRAMA SOCIAL DE JUAZEIRO DO NORTE-CE

Cícera Luana de Lima Teixeira

Richardson Dylsen de Souza Capistrano

Sávia Maria da Paz Oliveira Lucena

Brás Paulo de Souza

Rubens Cesar Lucena da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.51519011013

SOBRE O ORGANIZADOR 126

ÍNDICE REMISSIVO 127

PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A RESPEITO DE CONFLITOS EM AULA

Andreia Camila de Oliveira

Universidade São Judas Tadeu

São Paulo – São Paulo

Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva

Prefeitura do Município de São Paulo – Secretária de Esportes, Lazer e Recreação

São Paulo – São Paulo

RESUMO: Conflitos estão presentes em todas as relações humanas, inclusive no contexto escolar. Eles surgem de ideias, opiniões ou modos diferentes e divergentes de interpretar algum fato. Conflitos podem auxiliar os alunos a usufruírem de oportunidades para o crescimento e amadurecimento pessoal e social, se mediados de maneira correta. Professores exercem papel importante quando interveem e estimulam as discussões sobre o tema junto aos alunos com o objetivo de desenvolver a cidadania, uma vez que o conflito é uma oportunidade de ruptura do que está constituído para que se construa algo novo. O objetivo dessa pesquisa descritiva, qualitativa, que utilizou entrevistas semiestruturadas, diário de aula, e promoveu reflexão conjunta entre professores e pesquisadora, foi compreender a percepção de docentes de Educação Física sobre a relação existente entre situações de conflito e intervenções pedagógicas em suas aulas. A pesquisa revelou a preocupação

desses professores em solucionar os conflitos de maneira pacífica e imparcial, utilizando o diálogo como principal estratégia, o que exigiu deles o exercício da escuta dos alunos. Os docentes, inicialmente críticos em relação à convivência com os conflitos, passaram a exercer o papel de facilitadores de maneira mais reflexiva, apesar da queixa de não terem recebido formação profissional para lidar com tais situações.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Conflito; Escola.

PERCEPTION OF SCHOOL PHYSICAL EDUCATION TEACHERS ABOUT CONFLICTS IN CLASS

ABSTRACT: Conflicts are present in all human relationships, including the school context. They arise from different and divergent ideas, opinions or ways of interpreting something. Conflicts can help students to enjoy opportunities for personal and social growth and maturity, if mediated correctly. Teachers play an important role when they intervene and stimulate discussions on the subject with students in order to develop citizenship, since conflict is an opportunity to break of what has been constituted so that something new can be built. The objective of this descriptive, qualitative research, which used semi-structured interviews, classroom diary, and promoted joint reflection between teachers and

researcher, was to understand the perception of Physical Education teachers about the relationship between conflict situations and pedagogical interventions. in their classes. The research revealed the concern of these teachers to resolve conflicts peacefully and impartially, using dialogue as the main strategy, which required them to exercise listening to students. Teachers, initially critical of living with conflicts, began to play the role of facilitators in a more reflective manner, despite the complaint that they had not received professional training to deal with such situations.

KEYWORDS: Physical Education; Conflict; School.

INTRODUÇÃO

Professores, de maneira geral, desejam que o clima de suas aulas seja pacífico para que os objetivos de aprendizado planejados sejam atingidos, entretanto é quase inevitável que aconteçam conflitos entre os alunos, ou entre alunos e professor. Antes de chegar à conclusão de que todo e qualquer tipo de conflito em aula é ruim e que deve ser evitado, ou mesmo que a mediação de conflitos realizada pelo professor deve levar os alunos a um consenso, ou a pensarem da mesma maneira, é melhor nos determos em analisar mais detidamente esse assunto.

O que se entende como conflito?

Desde que a história da humanidade é contada, são encontradas diversas evidências sobre conflitos em relações humanas e em todas as sociedades. Conflitos se manifestam de diferentes formas e contextos: no seio familiar, entre amigos, nos grupos étnicos, no ambiente de trabalho, empresas, no poder público e entre nações (MOORE, 1998).

A palavra conflito vem do latim *conflictus*, oriundo do verbo *conflictare*. Trata-se de um embate entre duas forças contrárias, um choque entre duas coisas ou pessoas, ou grupos opostos que lutam entre si. Um conflito é um estado antagônico de pontos de vista, interesses ou pessoas que se manifestam em confronto (BERG, 2012).

A existência de opiniões e de situações divergentes ou incompatíveis não caracteriza, necessariamente, um conflito. Pessoas podem conviver pacificamente e se respeitarem mutuamente mesmo que não pensem da mesma maneira ou acreditem nas mesmas coisas.

A tarefa educativa consiste, justamente, em levar os alunos a identificarem sua forma própria de pensar, assim como formas de pensar de outras pessoas que sejam diferentes da sua para que aprendam a respeitar as ideias e a maneira delas viverem, ao mesmo tempo em que se percebem merecedores do respeito recíproco.

O conflito pode assumir um caráter construtivo ou destrutivo, dependendo da forma como se lida com eles (CECCON et al., 2009).

O conflito se origina em entendimentos discordantes sobre algum fato ou acontecimento o que, por sua vez, tem origem nas diferenças de conceitos, desejos

e anseios que são defendidos de maneiras distintas. Qualquer pessoa que vive em sociedade se depara com algum tipo de conflito em qualquer etapa da vida (Chrispino, 2007), mas deve saber que não se trata de classificar ideias e modos de agir como certos ou errados, mas como posições que são defendidas a partir de pontos de vista diferentes.

Em relação ao que se entende como certo ou errado, é preciso dizer que as sociedades se apoiam em códigos morais e em regras que são aceitas pela maioria das pessoas e que definem um arcabouço dentro dos quais a convivência social se torna possível, no entanto, dentro desse arcabouço há inúmeras perspectivas igualmente válidas e que precisam ser compreendidas e respeitadas.

Moore (1998) afirma que, por ser o conflito um fenômeno constante nas relações humanas, seu desfecho pode resultar em mudanças bem-sucedidas e produtivas ou, pode levar ao insucesso e acarretar situações que deterioram os relacionamentos interpessoais. Daí decorre a importância de o professor receber, desde sua formação inicial, conhecimento a respeito do assunto e passar por situações que venham a desenvolver sua competência (conhecer + saber fazer + ser) para lidar com conflitos durante sua atuação profissional.

Além de saber (conhecer) o que é um conflito e os aspectos relacionados a ele, como suas múltiplas causas e consequências, o professor precisa dominar ferramentas (saber fazer) de identificação de conflitos e saber mediá-los, tudo isso com base em uma atitude (ser) de aceitação e entendimento dos conflitos como oportunidades para educar para o respeito, a convivência e a paz.

Para Melman (2009), não há como fugir dos conflitos já que existe heterogeneidade entre pessoas, grupos e organizações. A presença dos conflitos é fundamental no que diz respeito ao refinamento das relações sociais caso estimulem as pessoas a um processo reflexivo que gere aprendizado individual e coletivo, de modo a tornar o mundo fortalecido em valores como justiça e igualdade.

Os conflitos, sejam os mais comuns ou os mais complexos, nos colocam em processo reflexivo e contribuem para o processo de aprendizagem humana, daí a importância de entendê-los em sua essência, para melhor manejá-los de maneira que não atinjam estágios drásticos que levem a manifestações de violência que, certamente, não podem ser toleradas e devem ser interrompidas.

O que é possível aprender por meio do conflito?

Chrispino (2007) menciona que a vivência do conflito apresenta benefícios que nem sempre são percebidos pelas partes. Entre os aprendizados possíveis, ele menciona a possibilidade de se colocar no lugar do outro, analisar o mundo sob diferentes perspectivas, conduzir a uma autoanálise e reflexão, aumentar a percepção de que diferenças não são ameaças verdadeiras, mas produtos de uma determinada situação. O embate auxilia na regulação das ações sociais, seleciona melhores

práticas de cooperação, contribui para que o indivíduo perceba que do conflito surge a chance para o amadurecimento pessoal e social.

Conflitos em aulas de Educação Física

A Educação Física, além de desenvolver qualidades físico-motoras nos estudantes, necessita promover relações com seus valores, com suas atitudes e interações com os pares, sejam eles companheiros de equipe, adversários, colegas de turma ou de escola, como mostra Melim e Pereira (2015).

As experiências vividas entre os alunos e as trocas que ocorrem no dia a dia escolar contribuem para desenvolver aspectos emocionais, de conduta e de construção de identidades (MARQUES, 2012).

Para Freire, Silva e Miranda (2011), as aulas de Educação Física podem contribuir de diversas formas para que o aluno vivencie sua motricidade livre, intencionalmente e com inventividade, quando o foco é o movimento corporal. Este processo é facilitado, quando existe o entendimento sobre si mesmo, sobre as relações humanas, bem como o ambiente e a cultura na qual o aluno está situado. Considerar as características locais e a relação entre as pessoas devem ser uma das prioridades.

Na atmosfera da escola, é possível observar que, em alguns momentos, seja por brincadeira, por divergências de ideias, por uma palavra proferida de forma indelicada ou até mesmo por um esbarrão, os alunos entram em conflito, discutem entre si, envolvem o grupo e, se não houver um acordo, acabam mostrando-se violentos. Esse tipo de situação precisa e deve ser mediada para que exista solução pacífica e para que não haja reincidência da violência.

Pensar que a escola é um ambiente em que se resguarde todos os alunos das divergências humanas e da sociedade seria inexequível tendo em vista que, dentro dela, elas acontecem, ainda que discretamente, sob formas variadas. A própria cultura escolar pode originar situações que contribuem para o desenvolvimento dos conflitos (CHIZZOTTI; PONCE, 2016; CHRISPINO, 2007).

Conflitos também são originários de diferentes posicionamentos entre professores e alunos ao se colocarem e agirem de maneiras distintas diante de uma mesma situação. Nesse caso, quanto maior for a pluralidade discente e docente, maior será a chance de resultar em conflitos. Faz-se necessário, por parte dos professores, compreender qual é a geração com a qual está lidando e isso requer um exercício diário de reflexão.

É fundamental destacar como é a identificação, compreensão, interpretação e intervenção pedagógica de professores de Educação Física sobre os conflitos existentes em aula. Uma vez compreendida esta percepção, é preciso investigar quais recursos são utilizados para realizar algum tipo de mediação.

Como nossa pesquisa foi realizada

A pesquisa trabalhou durante todo um semestre letivo com três professores de Educação Física em um colégio particular de São Bernardo do Campo que contava com 1.324 alunos do Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio/Técnico e 153 funcionários e professores. Dos três professores, um homem e duas mulheres, com idades próximas aos 40, possuíam licenciatura plena em Educação Física, graduados em faculdade privada nas décadas de 80 e 90.

A pesquisa foi desenvolvida por meio da realização de duas entrevistas semiestruturadas com cada professor, vários encontros de discussão individualizados e observação de aulas de Educação Física. Foi utilizado o diário reflexivo, ou seja, um caderno que o pesquisador entregou a eles para registrarem semanalmente acontecimentos relacionados aos conflitos em suas aulas acompanhados das anotações sobre a reflexão que fizeram sobre o ocorrido. Tais registros serviram como instrumento para estimular o diálogo entre pesquisador e pesquisado durante os encontros individualizados.

Nesse capítulo apresentaremos apenas os resultados provenientes das entrevistas. Caso haja interesse em ler a respeito dos resultados coletados por meio dos demais instrumentos de pesquisa, sugerimos consultar o volume da dissertação digital de Mestrado de Andreia Camila de Oliveira, disponível no site da Universidade São Judas Tadeu acessível por meio do link https://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/2018/427.php

As entrevistas tiveram como propósito diagnosticar o conhecimento dos professores sobre situações de conflito em aulas de Educação Física e identificar situações que ocasionam conflitos entre os alunos, bem como as ações de enfrentamento realizadas pelos docentes.

O que a pesquisa nos mostrou

As entrevistas mostraram que há conflitos presentes no ambiente escolar tanto na relação professor-aluno, como aluno-aluno.

Para facilitar nossos comentários, utilizaremos a tipologia estabelecida por Moore (1998) que classificou as diferentes manifestações do conflito em cinco grupos: estruturais, de valores, de relacionamento, de interesses e quanto aos dados.

A escola pesquisada exige que o aluno use roupa apropriada para participar das aulas de Educação Física, proíbe o uso de bonés e de telefone celular durante as aulas.

O fato de alguns alunos não atenderem essas regras causam conflitos entre professor e alunos, e mesmo entre alunos, já que apenas parte deles respeita essas regras. Esse tipo de conflito se caracteriza como um choque de valores, já que é evidente que os alunos que desrespeitam as regras não atribuem valor a elas, e gera conflitos de relacionamento, uma vez que o professor precisa cobrar essa atitude

deles e os colegas que obedecem as regras acham justo que todos devem agir como eles.

Segundo Moore (1998), conflitos de valor e de relacionamento são causados por sentimentos intensos, percepções falsas ou estereótipos, comunicação escassa ou inapropriada, condutas negativas e repetitivas.

Alguns alunos evitavam participar das aulas alegando razões religiosas, o que ocasionava conflitos com o professor, que exigia que participassem. Conflitos de cunho religioso também são classificados como conflitos de valores, já que são causados pela utilização de diferentes critérios para avaliar ideias ou comportamentos, relacionados ao modo de vida.

Lidar com questões religiosas é algo delicado para o professor. Na escola pesquisada, eles relataram que há pais que proíbem seus filhos de participarem de algumas comemorações escolares que envolvem danças ou festas populares, mesmo que o professor argumente que se trata de resgatar e estudar a cultura brasileira. Com a discordância dos pais, os professores se veem obrigados a providenciar um trabalho alternativo. Os entrevistados mencionaram que pediram trabalhos escritos para esses alunos para que suas notas não fossem prejudicadas. Os professores concordam que esse tipo de atitude não resolve o conflito, apenas o contorna. Eles tentam mostrar aos pais e aos alunos que também são pessoas religiosas, mas que a religião não os impede de estudar aspectos da cultura brasileira que os pais julgam dispensáveis ou não recomendáveis.

Conflitos de relacionamento entre os alunos, por sua vez, foram percebidos por todos os professores. Eles mencionaram alunos que trocam ofensas, que brigam entre si, mencionam grupos que não se relacionam com outros grupos e que parecem não gostar um do outro e até evitam se aproximar.

Situações como essas, infelizmente, são mais comuns do que se imagina, especialmente dentro da escola, local em que a diversidade predomina.

Em grupos heterogêneos é possível notar que as diferenças existentes podem gerar problemas de relacionamento. As motivações são diversas, como mal-entendidos; brigas; rivalidade entre grupos; discriminação; *bullying*; uso de espaços e bens; namoro; assédio sexual; perda ou dano de bens escolares; eleições (de variadas espécies); viagens e festas, entre outros (CHRISPINO, 2007).

Um dos professores contou ter presenciado uma desavença entre alunos devido à rivalidade entre grupos de torcedores de times de futebol diferentes. Relatou que houve briga porque cada um usava a camisa de um diferente time de futebol para o qual torcia. A partir daí, passou a proibir que os alunos viessem para as aulas usando camisas de qualquer time. Essa proibição foi acompanhada de uma conversa com a turma de alunos e eles pareceram compreender a sua necessidade. O conteúdo dessa conversa acabou se tornando um combinado entre professor e alunos.

Por outro lado, é preciso considerar que a imposição de regras muitas vezes coloca o aluno à parte das situações e motivações que originaram a necessidade das

regras e, assim, as acatam pela imposição da autoridade que criou as normas, mas não pela compreensão de sua necessidade. De acordo com Vinha e Tognetta (2006), o comportamento do aluno pode se mostrar superficial ou submisso, e ocorrer apenas enquanto houver o medo da punição ou a expectativa por algum tipo de benefício ou premiação.

Quando o assunto da entrevista foi como ocorrem a mediação e a resolução dos conflitos em aula de Educação Física, observou-se a preocupação dos professores em destacar que tentam resolve-los de forma pacífica, mas, ao mesmo tempo, se queixam de não haver recebido formação profissional para realizar mediações. Eles admitiram não conhecer outras formas de intervenção que não fossem as de reprimir, punir, censurar, ameaçar, excluir ou mesmo ignorar o comportamento dos alunos. Tais depoimentos confirmam o já apontado por Vinha e Tognetta (2009) que mencionam que, ao se depararem com momentos frequentes de indisciplina, conflitos, violência, entre outros, os educadores costumam se sentir impotentes e inseguros e que só conhecem o reprimir, punir, censurar, ameaçar, excluir ou mesmo ignorar com forma de intervir na situação de conflito.

Os entrevistados em nossa pesquisa mencionaram que as ações de enfrentamento que utilizaram foram tentativas de estimular o diálogo entre as partes, bem como tentar compreender a origem do comportamento de raiva e de descontentamento dos alunos. Para Ceccon et al. (2009), dialogar é transformar conflitos em aprendizagem e mudança. Durante os diálogos, os professores procuram deixar claro que as regras são necessárias para que haja convívio social, que elas servem para manter a ordem dentro da escola e para que a convivência entre todos seja harmoniosa.

Há, segundo os professores, um potencial criativo nos conflitos e o diálogo deve evitar que os conflitos sejam mal compreendidos, pois se isso acontecer, podem gerar estagnação ou violência.

Além de dialogar, os professores mencionaram agir de outras maneiras como, por exemplo, encaminhar alunos para a Coordenação Pedagógica na ocorrência de casos mais graves, como os que envolvem agressões entre alunos. Também disseram que tentavam promover a reflexão dos alunos e proporcionar a eles atividades alternativas. Mesmo nesses casos, os professores tentam dialogar e ajudar os envolvidos a compreenderem que a conduta que adotaram não foi a mais correta e, em geral, percebem que são entendidos pelos alunos.

Licciardi et al. (2012) destacam a importância de se apresentar aos alunos atividades diversificadas e em pequenos grupos para resolverem seus conflitos interpessoais, estabelecendo relações de respeito mútuo e buscando, com seus pares, soluções para as desavenças.

Neto (2005) ressalta que é possível observar situações de agressões morais, físicas e psicológicas no ambiente escolar, que elas são uma preocupação para a sociedade atual e que saber lidar com tais situações tem se tornado um desafio no

processo de ensino.

Marques (2011), quando relata conflitos na escola portuguesa, menciona que a escola é um espaço relacional, multicultural e multirracial que se caracteriza pela elevada diversidade de valores, desejos, opiniões, o que pode potencializar a existência de conflitos. No entanto, é necessário entender estes conflitos como acontecimentos com prováveis consequências positivas para a escola e para todos aqueles que nela convivem. Para isso, é imprescindível utilizar formas de resolução baseadas no diálogo, na participação de todos, na cooperação e na negociação.

Há desdobramentos que ocorrem quando os conflitos não são resolvidos de maneira positiva. Um dos professores, por exemplo, relatou um episódio em que tentava conversar com um aluno e que o aluno gritava com ele e não conseguia se conter. Segundo o professor, não adianta gritar ainda mais com o aluno nesse tipo de situação já que isso faz com que a agressividade aumente e que o aluno não se acalme. Note-se a importância de o professor possuir estabilidade emocional e não se deixar entrar em embates com o aluno que apresenta um comportamento agressivo. Seria como querer combater fogo com mais fogo ainda.

Em pesquisa realizada por Silva (2009), com dez professores de Educação Física da rede pública, metade afirmou que o conflito é parte natural das relações humanas, entretanto, a outra metade discordou e disse que o conflito é ruim e atrapalha o desenvolvimento das aulas. Essa pesquisa evidencia a necessidade da existência de momentos e espaços de discussão na formação inicial e continuada do professor para que a temática do conflito seja compreendida e para que sua competência para lidar com ele seja melhorada.

Em geral, nos cursos de formação inicial seria preciso investir na discussão de temas referentes à formação do ser humano em relação a seus valores, como cooperação, solidariedade, a compreensão de regras, aspectos morais e éticos no trabalho educativo trazendo à pauta questões do cotidiano profissional e oferecendo aos futuros educadores oportunidades para ensaiarem papéis (role-playing). Esse tipo de experiência poderia evitar que professores não soubessem qual atitude tomar, que repetissem práticas de controle comportamental dos alunos sem refletir sobre elas ou, ainda, que fizessem “vista grossa”, para os conflitos que acontecem em aula.

Há casos em que o professor se coloca em cheque quando observa que há conflitos relacionados à falta de interesse e de participação dos alunos em suas aulas.

Perrenoud e Thurler (2009) apontam justamente essa necessidade do desenvolvimento de práticas reflexivas por parte do professor, o que poderá contribuir com a ampliação de competência dos alunos. De acordo com esses autores, desse modo o professor assumirá “a responsabilidade ética de ser agente de transformação e mudanças e um multiplicador de ideias, propiciando ao outro, possibilidades de desenvolvimento e qualidade de ensino”.

Dois professores entrevistados relataram que há muitos alunos “*dependentes da tecnologia*”, principalmente do telefone celular. Ainda que reconheçam que o celular

faça parte da vida dos alunos, a preocupação é com a maneira excessiva como é utilizado dentro e fora das aulas. O fato de essa escola proibir o uso do celular durante as aulas não evita que os alunos o utilizem. Os professores dizem que pedem para os alunos guardarem o celular, mas quando não o fazem, os professores o retiram do aluno na intenção de que passem a participar da aula.

Nesse tipo de abordagem da situação é evidente a dificuldade docente em lidar com o comportamento de uma geração extremamente tecnológica. Os professores se preocupam em se adaptar a essa realidade, no entanto, ainda se sentem despreparados para agir em relação a ela. Nessas situações é que fica claro como a cultura presente nos regulamentos escolares pode ser fonte de conflitos com os alunos.

Corroborando com Bento e Cavalcante (2013), o uso das tecnologias da informação aumenta os desafios do ambiente escolar e os professores necessitam se adequar à realidade das mídias móveis. O educador precisa ter consciência de que a escolha de tecnologias educacionais deve estar vinculada à ideia de conhecimento que se idealiza. O aparelho celular e as demais mídias possuem aplicativos que podem ser utilizados em sala de aula como recurso pedagógico e com riqueza de conteúdos. O professor pode buscar por esses recursos e pode, inclusive, pedir a ajuda dos alunos para encontrá-los, ainda assim, seria necessário ajustar os regulamentos escolares para que passassem a aceitar o uso dos celulares em aula.

Entretanto, nem sempre são os regulamentos escolares que impedem esse uso, mas o próprio entendimento do professor a respeito do assunto. Em pesquisa realizada por Bento e Cavalcante (2013) com professores do Ensino Médio em uma escola pública do Vale do Paraíba do Sul, questionou-se o uso do celular em sala de aula. Dos entrevistados, 71% não permitia o uso dos aparelhos por razões diversas. Citaram como razões a legislação (Decreto nº 52.625, de 15 de janeiro de 2008), a falta de atenção durante a aula, o não entendimento didático do recurso e o risco que o aparelho causa aos professores no controle da sala. Outros 14% dos docentes fazem uso desse tipo de tecnologia para registros fotográficos, traduções de materiais, uso de músicas e vídeo em aulas.

Nesta mesma pesquisa, os docentes foram questionados sobre o uso do celular como um recurso pedagógico. Houve um entendimento majoritário de sua importância, do uso consciente para melhor aproveitamento nas aulas e da necessidade de se planejar o uso da internet. Entre os demais docentes, todavia, houve os que julgaram que a tecnologia poderia centralizar-se em laboratórios de informática e lousas digitais.

O fato é que, se o celular puder ser utilizado como recurso auxiliar para o professor, muitos conflitos com seus alunos poderão ser evitados.

Parafrazeando Possato et al. (2016), a mediação é atualmente uma das formas mais utilizadas para o combate à violência, e é uma ferramenta para a realização de um trabalho de educação para resolução de conflitos. Para isso, são empregados como meios o diálogo entre as partes e um mediador habilitado para interagir e

interceder de forma pacífica, promovendo a aproximação com imparcialidade, na tentativa de um acordo que possibilite o fim do conflito.

Para saber mais a respeito de mediação de conflitos, sugerimos a leitura dos trabalhos de Almeida (2012); Berg (2012); Ceccon et al. (2009); Chrispino (2007); Moore (1998) e Silva (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou a preocupação dos professores de Educação Física em solucionar os conflitos de maneira pacífica e imparcial, utilizando o diálogo como principal estratégia, o que exigiu dos educadores o exercício da escuta.

Os resultados indicaram que docentes anteriormente críticos em relação à convivência com os conflitos em suas aulas, hoje, e como um dos efeitos provocados pelos diálogos e intervenções dialógicas realizadas durante a pesquisa, exercitam com maior reflexão o papel de facilitadores. Os estudos apontaram que a mediação é o caminho para a resolução dos conflitos e o mediador tem um papel fundamental nesse processo.

Portanto, ao analisarmos a percepção dos docentes sobre as situações de conflito em aulas de Educação Física, observou-se que a partir desse processo de discussão, reflexão e intervenção, os professores demonstraram mudanças na forma de lidar com elas. Docentes que antes enxergavam desavenças como algo superficial, entendiam estes episódios como um problema exclusivo entre os envolvidos, docentes que anteriormente apresentavam vícios de conduta em relação a atitudes de enfrentamento, hoje se mostram mais tolerantes, reflexivos e conscientes sobre suas ações, inclusive com propostas de mudança em sua forma de lidar com as desavenças entre os alunos. Tais condutas alteraram sua própria prática, com o uso de novas estratégias, com base na empatia, na reflexão e na negociação em momentos de tensão e desacordos.

Porém, nos relatos dos professores, a maioria dos conflitos que existe atualmente nas escolas torna-se de difícil resolução pela falta de preparo dos profissionais envolvidos. Existe um consenso entre os professores de que eles não foram preparados para lidar com tais situações e que não existe uma metodologia educacional que possa ser praticada nesses casos.

Por fim, surge o questionamento se o problema não residiria em um sistema educacional doente, resultado imprevisto e indesejado de uma democratização do ensino implementada sem que se olhasse para todos os aspectos envolvidos como a mudança ambiental e a formação continuada dos professores, do mau uso da tecnologia e da característica das gerações do século XXI.

Muito embora os resultados apresentados tenham significância, recomenda-se novos estudos na área, a fim de que possam ser criadas alternativas colaborativas de maior alcance. Faz-se necessário estudo mais aprofundado sobre o ambiente escolar

em que os alunos estão envolvidos e inclusive o papel da família nesse processo, uma vez que muitos conflitos advêm de fora das aulas de Educação Física.

REFERÊNCIAS

BENTO, M. C. M.; CAVALCANTE, R. S. Tecnologias Móveis em Educação: o uso do celular na sala de aula. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 04, n. 7, 113-120, 2013.

BERG, E. A. **Administração de Conflitos**: abordagens práticas para o dia a dia. Curitiba: Juruá, 2012.

CECCON, C. et al. **Conflitos na Escola: modos de transformar**. São Paulo: CECIP Centro de criação de imagem popular e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CHIZZOTTI, A.; PONCE, B. J. A violência, a escola e as políticas de enfrentamento. **Revista Cocar**, v. 10, n. 19, p. 7-30, 2016.

CHRISPINO, A. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 11-28, 2007.

FREIRE, E. S.; SILVA, S. A. P. S.; MIRANDA, M. L. J. Valores como conteúdo da Educação Física escolar: perspectiva a partir da Motricidade Humana. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 19, n. 4, p. 89-96, 2011.

LICCIARDI, L. M. S. et al. Conflitos entre pares: percepção de professores e alunos de 5º ano. **Múltiplas Leituras**, 2012, v. 4, n. 2, p. 69-84, 2012.

MARQUES, L. R. A formação de uma cultura democrática na gestão da escola pública: analisando o discurso dos conselheiros escolares. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 121, p. 1175-1194, 2012.

MARQUES, M. A Mediação Socioeducativa na Escola Básica do 2 e 3º ciclo do Bairro Padre Cruz. **Tese de Doutorado em Ciências da Educação**, 160 f. Universidade de Lisboa: Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Portugal, 2011.

MELIM, F. M. O.; PEREIRA, M. B. F. L. de O. A influência da Educação Física no bullying escolar: a solução ou parte do problema? **Revista Iberoamericana de educación**, n. 1, v. 67, p. 65-84, 2015. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/34624>>

MELMAN, J. et al. Tecendo redes de paz. **Saúde e Sociedade**, v. 1, p. 66-72, 2009.

MOORE, C. W. **O processo de mediação**: estratégias práticas para a resolução de conflitos. Porto Alegre: Artmed, 1998.

NETO, A. A. L. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

PERRENOUD, P; THURLER, M. G. **As competências para ensinar no século XXI**: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2009.

POSSATO, B. C. et al. O mediador de conflitos escolares: experiências na América do Sul. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 2, p. 357-366, 2016.

SILVA, L. C. F. Intervenções em situações de conflitos interpessoais nas aulas de Educação Física. 207 f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. A prática de regras na escola: ambiente autocrático x ambiente democrático. **Educação Unisinos**, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, v.10. n. 1. p. 45-55, 2006.

_____. Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, 2009.

SOBRE O ORGANIZADOR

Wendell Luiz Linhares - Possui graduação plena em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI (2011), especialização “Lato Sensu” em Educação e Gestão Ambiental pela Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco (2011). Em 2016 concluiu sua segunda graduação, sendo o curso de licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG e em 2019 se tornou Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG). Seus estudos têm como objeto o Esporte, sobretudo, o Futebol, tendo pesquisado suas diversas manifestações durante a graduação e pós-graduação. Atualmente têm desenvolvido pesquisas relacionadas ao processo de “identificação e pertencimento clubístico” e atua como docente da disciplina de Educação Física na Rede Particular de Ensino da cidade de Ponta Grossa – Paraná.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 85, 86

Articulação do quadril 6

C

Capacitação profissional 85

Colegios rurales agrupados 61, 64

Coluna vertebral 22, 23, 25, 27, 28

Comportamento 20, 29, 49, 51, 52, 56, 58, 71, 79, 80, 81, 83, 113, 117, 123

Conflito 51, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83

Crossfit 40, 41, 47, 48

D

Desvio postural 22, 26, 27

E

Educación física 61, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 72

Educación Infantil y Primaria 61, 67

Educación integral 61

Emergência étnica 31

Escola 12, 29, 49, 51, 53, 54, 55, 57, 60, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 89, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 107, 110, 111, 113, 114, 119, 121, 122, 123, 124

Escuelas unitarias 61, 63, 64, 66

Etnicidade 31

Exercício físico 6, 17, 22, 24, 26, 30, 40, 42

Extensão universitária 85, 86, 88, 89, 91, 92, 94

F

Futebol 49, 52, 53, 54, 55, 57, 59, 60, 78, 103, 106, 116, 117, 118, 120, 121

G

Gordura corporal 13, 14, 15, 16, 17, 19

I

Idosos 13, 18, 19, 20, 21

J

Jogos Indígenas Pataxós 31

M

Maleabilidade 6

Modalidade esportiva 40, 41, 47, 50, 97

Musculação 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29

Músculos 13, 14, 15, 19, 25, 27, 28, 29, 42

P

Pataxós 31, 37, 38

Pessoas com deficiência 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 104

R

Relação pais e filhos 49

S

Sintomatologias dolorosas 41

T

Treino com peso 13

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-651-5

